

A talha da igreja do convento de Santa Clara de Guimarães

António José de OLIVEIRA *

Lígia Márcia Cardoso Correia de Sousa OLIVEIRA **

1. Introdução

A igreja do extinto convento de Santa Clara de Guimarães¹, situada no actual largo Cônego José Maria Gomes não tem merecido, por parte da História da Arte, a atenção que a sua especificidade justifica, ainda que achegas valiosas para o seu estudo já nos tenham sido apresentadas. Relembramos o contributo que forneceram Alberto Vieira Braga², Alfredo Guimarães³, Flávio Gonçalves⁴, Manuela de Alcântara Santos⁵, Lígia Márcia Sousa Oliveira⁶ e António José de

* *Professor / Mestre em História e Cultura Medievais.*

** *Arquivista na Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Norte.*

¹ O Padre António José Ferreira Caldas, afirma que esta instituição monástica feminina foi fundada por Baltazar de Andrade, cônego e mestre-escola da Colegiada de Guimarães, que obteve por alvará de 17 de Julho de 1553, a posse de umas casas e pardieiros, com os seus quintais. Posteriormente estes foram demolidos para nesse local da rua de Santa Maria se erigir um convento em honra de Santa Clara, cuja primeira pedra foi lançada a 29 de Setembro de 1559 (*Guimarães: apontamentos para a sua história*, 2ª ed., Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães / Sociedade Martins Sarmiento, 1996, p.326 (a 1ª ed. data de 1881). Entretanto, Oliveira Guimarães defende que o alvará régio mencionado pelo Padre Caldas tinha por fim erigir não um convento, mas dar maior amplitude ao imóvel que já estaria edificado em 1548 (“Convento de Santa Clara de Guimarães”, in *Revista de Guimarães*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, vol. 9, 1892, p.188-189). No entanto, não é nosso propósito determo-nos neste aspecto da fundação do convento, mas apenas reforçar a ideia de que era uma instituição rica, com amplos bens e rendimentos, cujas religiosas eram afamadas pelos seus dotes musicais e pelo fabrico de doces.

² “Boletim”, in *Revista de Guimarães*, vol. 34, Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, 1924, pp. 163-185.

³ *Mobiliário artístico português: elementos para o seu estudo*, vol.2, Guimarães, Edições Pátria, 1935, p. 88.

⁴ “A talha na arte religiosa de Guimarães” in sep. do *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Actas, vol.4, Guimarães, 1981, pp. 346-349.

⁵ “Para uma biografia do mestre escultor e entalhador Ambrósio Coelho”, in *Mínia*, 3ª série, vol.3, Braga, ASPA, 1995, pp. 142-146.

⁶ OLIVEIRA, António José de; SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *A arte e os artistas em Guimarães no século XVIII*, Porto, 2 vols., 1993, Seminário de História de Arte em Portugal orientado pelo Dr. Manuel Joaquim Moreira da Rocha, no âmbito da Licenciatura em Ciências

Oliveira⁷, entre outros. Importa, por esse motivo avançar com outras reflexões que esclareçam melhor a importância da talha desta igreja no contexto construtivo do Noroeste de Portugal, na década de trinta de setecentos.

Toda a obra de talha pertencente à igreja de Santa Clara, com excepção dos dois baixos relevos representando a “Sagrada Família” e o “Baptismo de Cristo” – datados do segundo quartel de seiscentos⁸ – insere-se numa profunda transformação e renovação arquitectónica do interior deste espaço conventual, levada a cabo entre 1731-1739, como comprovam documentalmente cinco contratos de obra redigidos pelo tabelião Manuel Pereira da Silva, existentes no fundo notarial do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta⁹. Nessa fase de grande surto construtivo, intervieram mestres oriundos de Leça do Balio, Moreira da Maia e de Guimarães, constituindo as obras o resultado conjunto do labor de mestres pedreiros, carpinteiros, entalhadores e pintores.

O objectivo principal deste breve trabalho, pretende dar a conhecer alguma dessa informação conservada no Arquivo Alfredo Pimenta e no Arquivo do Museu de Alberto Sampaio, sem a preocupação de esgotarmos toda a documentação existente sobre o tema em estudo. Trata-se também de revelar o percurso que essa talha deslocada do seu local de origem sofreu ao longo do século XX.

Em 1731, as religiosas promoveram uma grande campanha de remodelação artística na sua igreja que se prolongou por 8 anos, despendendo a extraordinária soma de 3200\$000 réis. Atendendo à disponibilidade de recursos financeiros e uma vez que o templo era demasiado pequeno para o crescente número de religiosas e pouco relevante para a importância da instituição, tornou-se necessário proceder a diversas alterações.

2. Manuel Luís e Manuel da Costa (mestres pedreiros) – 1731

A 8 de Fevereiro de 1731, sendo abadessa Inês Maria de Santa Rosa, as religiosas iniciam esse processo de alteração arquitectónica no espaço antigo, através de um contrato firmado com o mestre de pedraria Manuel Luís morador no lugar da Ponte de Moreira, freguesia de Leça do Balio e com o mestre pedreiro Manuel da Costa morador na freguesia de Moreira da Maia¹⁰. O

Históricas da Universidade Portucalense, (dact.); OLIVEIRA, António José de; OLIVEIRA, Lígia Márcia Cardoso Correia de Sousa – “A obra de talha do retábulo de Santo António da igreja de S. Francisco de Guimarães (1719-1723)”, in sep. *Museu*, nº8, 4ª série, Porto, Círculo Dr. José Figueiredo, 1999, p. 184.

⁷ *Idem, ibidem*; OLIVEIRA, António José de – “Talha dourada da igreja de Santa Clara”, in *Guimarães: mil anos a construir Portugal*, coord. por Isabel Maria Fernandes, Guimarães, Museu de Alberto Sampaio/ Câmara Municipal de Guimarães, 2000, p. 99.

⁸ SOALHEIRO, João – “Baptismo de Cristo”, in *Cristo Fonte de Esperança*, Porto, Diocese do Porto, pp. 264-265.

⁹ Documentos publicados na íntegra no apêndice documental.

¹⁰ “*Contrato de obra de pedraria que fizeram a madre abadessa e mais religiosas do convento de Santa Clara com os pedreiros Manoel Luis e Manoel da Costa*”. A.M.A.P. =Arquivo Municipal

encomendador explicitava que se tinham ajustado com estes mestres da diocese do Porto, por terem notícia de que eram os melhores dos que havia “*neste contorno*” e por terem arrematado a obra pelo lanço mais baixo de 660\$000 réis. Os artistas comprometiam-se a acrescentar a capela-mor em 15 palmos, ao mesmo tempo que a alteariam em 7 palmos. Os artistas obrigavam-se a reutilizar a pedra da antecedente estrutura para a edificação da nova capela-mor.

A necessidade de aumentar a luz no interior da capela-mor, próprio do pensamento religioso expresso nos valores sensitivos barrocos sobre cor e luz, conduzem as religiosas a incluírem no seu programa construtivo o rasgar de duas frestas. Da empreitada constava ainda a abertura de mais janelas que serviriam de tribuna para as religiosas puderem ouvir as celebrações litúrgicas da casa da enfermaria e a abertura de um portal de ligação entre a tribuna e a sacristia.

É igualmente estipulado que os mestres fizessem de novo a empena do arco cruzeiro com a sua cornija e a cruz correspondente à da capela-mor. Além do acrescentamento desta, os mestres obrigavam-se ainda a ampliarem a casa da enfermaria e a sacristia do convento¹¹. Neste documento é feita referência ao futuro revestimento interior a talha dourada como podemos deduzir no seguinte extracto: “*por detras da trebuna lhe faram as luses que o mestre do retabollo lhe ensinar*”.

Devido à deslocação mais ou menos prolongada dos pedreiros, própria da sua itinerância até ao local da obra, as religiosas teriam de dar “o *caldo*” aos oficiais que andassem na obra e para os mestres “*huma resam de freira jnteira conforme elle o quiser crua ou ya temperada*”. No entanto, enquanto os oficiais estivessem no monte a extrair a pedra necessária à empreitada, as religiosas forneceriam apenas o feijão que eles mandariam cozinhar. O encomendador obrigava-se ainda a fornecer aos artistas, a cal e o saibro necessário.

A esta transformação arquitectónica correspondeu uma completa renovação da decoração interior da igreja, como veremos em seguida.

Alfredo Pimenta (Guimarães), nota do tabelião Manuel Pereira da Silva, N-725, fls. 24v-26. Vide apêndice documental doc. nº1. Este documento foi parcialmente publicado por BRAGA, Alberto Vieira – *obra cit.*, pp.168-169; e por OLIVEIRA, António José de; SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *A arte e os artistas em Guimarães no século XVIII...* Sobre este contrato de obra veja-se: OLIVEIRA, António José de; OLIVEIRA, Lígia Márcia Cardoso Correia de Sousa – “Mestres pedreiros portuenses em Guimarães (1734-35): sua actividade no convento de Santa Rosa de Lima”, in *I Congresso sobre a Diocese do Porto – Tempos e Lugares de Memória, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*, Actas, Porto, 1998 (no prelo); OLIVEIRA, António José de – “Talha dourada da igreja de Santa Clara...”, p. 99.

¹¹ De acordo com um relato datado de 1892, na sacristia existia uma fonte com a seguinte inscrição: “M. Me fecit D. Ighes M^a de S. Rosa Abb^a Anno 1732” (GUIMARÃES, João Gomes de Oliveira – “O Convento de Santa Clara de Guimarães”, in *Revista de Guimarães*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, vol.9, 1892, p.191). Possivelmente este lavatório teria sido construído por Manuel Luís e Manuel da Costa, aquando da sua intervenção na sacristia. Em 1733, este lavatório foi pintado de mármore fingido por Manuel Gomes de Andrade (Vide apêndice documental doc. nº4).

3. Ambrósio Coelho (mestre escultor e entalhador) – 1731

A 13 de Fevereiro de 1731, nas grades do convento, foram redigidos em simultâneo dois contratos, pelo tabelião Manuel Pereira da Silva. Pelo primeiro, as religiosas ajustam com Ambrósio Coelho, escultor e entalhador, com oficina em Serzedelo (Guimarães) a feitura de um retábulo, tribuna e dois anjos tocheiros¹² para a referida igreja, pela quantia de 600\$000 réis¹³ (Fig. 1). As religiosas obrigavam-se a fazer o pagamento em três prestações: a primeira no início da obra; a seguinte no meio; e a última depois da obra estar concluída e revista por mestres peritos na arte. Toda esta obra seria elaborada segundo a planta apresentada pelo próprio executante. Ambrósio Coelho comprometia-se a iniciar toda esta empreitada no dia de Páscoa de Flores, e a finalizá-la até ao fim do mês de Agosto de 1732. O carpinteiro Jerónimo Lopes Mesquita assinou este acto notarial como testemunha juntamente com o Cónego Gonçalo António de Sousa Lobo, da cidade de Braga.



Fig. 1 – Capela-mor da Igreja de Santa Clara, anterior a 1924 (MAS)

¹² Actualmente, estes dois serafins candelabros encontram-se expostos na sala de Santa Clara, no Museu de Alberto Sampaio. O anjo tocheiro, com o nº de inventário E 7 tem uma cartela na mão direita que diz: “Tu solus dominus”. Por sua vez, o anjo tocheiro com o nº de inventário E 8, tem uma cartela na mão esquerda com a seguinte inscrição: “ Tu solus santus”. Têm as seguintes dimensões: E 7 – alt. 226,5 cm; larg. 91,5 cm; prof. 72cm; E 8 – alt. 224 cm; larg. 107 cm; prof. 72 cm.

¹³ “ *Contrato sobre o retabollo que feseseram a madre abbadessa do convento de Santa Clara com Ambrozio Coelho de Santa Crestina de Sersedelo*”, A.M.A.P., nota do tabelião Manuel Pereira da Silva, N-725, fls.28v-29v. Vide apêndice documental doc. nº2. Este documento foi parcialmente publicado por BRAGA, Alberto Vieira – *obra cit.*, p. 170; e por OLIVEIRA, António José de; SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *A arte e os artistas em Guimarães no século XVIII...*; Acerca deste documento, veja-se: OLIVEIRA, António José de – “Talha dourada da igreja de Santa Clara...”, p. 99; SANTOS, Manuela de Alcântara – *obra cit.*, pp. 142-144.

4. Jerónimo Lopes Mesquita (mestre carpinteiro) – 1731

No outro contrato, o mesmo Jerónimo Lopes Mesquita, carpinteiro, morador na rua das Molianas, assina a execução da obra de carpintaria da igreja, sacristia e casa da enfermaria, pelo lanço de 300\$000 réis¹⁴. Esta obra incluía “*hum emadeiramento de paus altos para encostar o retábulo*”. A este artista competia, portanto, preparar a capela-mor para receber nas suas paredes a obra de entalhe executada por Ambrósio Coelho. O cliente forneceria toda a ferragem e pregos necessários à empreitada. Em contrapartida, o mestre carpinteiro responsabilizava-se pelo pagamento das madeiras. Neste acto escrito, assina como testemunha Ambrósio Coelho.

Nestas duas notas notariais, para maior segurança do encomendador foi exigido que Ambrósio Coelho e Jerónimo Mesquita hipotecassem “*todos os seus bens moveis e de rais avidos e por aver e tersos de sua alma*”, que responderiam pelo cumprimento da obra. No entanto, note-se que não foi exigida a apresentação de qualquer fiador, o que pressupõe um sinal de confiança do encomendador em relação aos dois artistas.

5. Ambrósio Coelho (mestre escultor) e Manuel Gomes de Andrade (mestre pintor) – 1733

Apenas cinco meses após a estrutura retabilística da capela-mor entalhada por Ambrósio Coelho estar assentada, inicia-se a fase do douramento e pintura, ao mesmo tempo pondo em arrematação a talha das ilhargas da capela-mor (Fig. 2). Desta forma, a 13 de Janeiro de 1733 no palatório do convento, Ambrósio Coelho, escultor, e Manuel Gomes de Andrade, pintor, morador na rua da Caldeiroa de Guimarães, assinam um contrato notarial, juntamente com as religiosas¹⁵.

Através desse documento, o mestre Manuel Gomes de Andrade obrigava-se a executar o seguinte programa construtivo:

- Dourar, encarnar e estofar o retábulo, a tribuna e as ilhargas da capela-mor;

¹⁴ “*Obrigaçam que fes Jeronimo Lopes desta villa ao convento de Santa Clara desta villa*”, nota do tabelião Manuel Pereira da Silva, A.M.A.P., N-725, fls.29v-30v. Vide apêndice documental doc. nº 3. Este documento foi parcialmente publicado por BRAGA, Alberto Vieira – *obra cit.*, p. 170-171; e por OLIVEIRA, António José de; SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *A arte e os artistas em Guimarães no século XVIII...*; Sobre esta nota notarial vide: OLIVEIRA, António José de – “Talha dourada da igreja de Santa Clara...”, p. 99; SANTOS, Manuela de Alcântara – *obra cit.*, p. 142.

¹⁵ “*Obrigaçam que feseram Manoel Gomes desta villa e Ambrosio Coelho ao convento de Santa Clara*”, nota do tabelião Manuel Pereira da Silva, A.M.A.P., N-728, fls. 16v-18v. Vide apêndice documental doc. nº 4. Este documento foi parcialmente publicado por BRAGA, Alberto Vieira – *obra cit.*, p. 171-172; e por OLIVEIRA, António José de; SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *A arte e os artistas em Guimarães no século XVIII...*; Sobre este contrato veja-se: OLIVEIRA, António José de – “Talha dourada da igreja de Santa Clara...”, p. 99; SANTOS, Manuela de Alcântara – *obra cit.*, p. 144.



Fig. 2 – Capela-mor da Igreja de Santa Clara, anterior a 1924 (MAS)

- Fazer um quadro no tecto da capela-mor “conforme lhe ensenuarem”;
- Fazer seis quadros nas ilhargas ¹⁶ e um quadro na tribuna;
- Pintar um quadro na tribuna;
- Pintar um cortinado fingido na volta do arco do retábulo-mor, por cima, na parte de dentro, com “seus rapazes pegando nele”;
- Dourar os anjos que estavam nas credências;
- Dourar as credências da capela-mor;
- Dourar o frontal e o primeiro banco do retábulo;
- Pintar de mármore fingido o lavatório da sacristia, as frestas, os ferros e as portadas;
- Pintar de angelim ou de pau preto, um caixão “onde se ham de meter os ornamentos da igreja”;
- Pintar o tecto da sacristia que constaria de “coadros e estes terem os frisos com seu filete dourado e os coadros pintados de brotesco com tintas finas e com toda a perfeição pocivel” ¹⁷.

O cliente é exigente no que se refere à qualidade do ouro, especificando que deveria ser “ouro agemado e subido dos melhores”. O preço do ouro não

¹⁶ Estas pinturas a óleo sobre tela representam iconograficamente a Anunciação, a Visitação, a Apresentação no Templo, a Circuncisão e a Adoração dos Magos (SERRÃO, Vitor – “As oficinas de Guimarães nos séculos XVI-XVIII e as colecções de pintura do Museu de Alberto Sampaio”, in *A colecção de pintura do Museu de Alberto Sampaio séculos XVI-XVIII*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 1996., p.138). Quatro das telas possuem as seguintes dimensões: alt. 163 cm; larg. 77,5 cm. As restantes: alt. 281 cm; larg. 186,5 cm.

¹⁷ Em 1881, o padre António José Ferreira Caldas, na sua descrição da igreja de Santa Clara, informa o seguinte: “ A sacristia, uma das mais alegres e espaçosas de Guimarães, é ornada com quadros a óleo, representando passagens do Antigo Testamento (...) ” (*obra cit.*, p. 327).

estava incluído no ajuste de 1250\$000 réis, e corria por conta do convento. O cliente ficava obrigado ao pagamento da empreitada em cinco fracções: 100\$000 réis para comprar os aparelhos; 100\$000 réis no início da obra; 100\$000 réis quando a obra da tribuna estivesse a meio; 100\$000 réis acabado o tecto e assentado o retábulo; e a restante quantia quando finalizasse toda a obra. O mestre pintor comprometia-se a executar toda esta empreitada, de acordo com a planta apresentada pelo cliente, até ao dia de Santa Clara (12 de Agosto) ou em finais de Outubro.

Por seu turno, o mestre de Serzedelo obrigava-se a executar as ilhargas da capela-mor até ao mês de Maio, na forma da planta assinada por ele e pelo escrivão. Por toda a empreitada receberia 180\$000 réis, que o encomendador daria em duas fracções: metade no início da obra e a restante quando a talha fosse colocada.

6. António Luís e Luís Lopes Pimenta (mestres pintores) – 1739

Finalmente, a 4 de Junho de 1739, António Luís, pintor, morador na rua de Santa Luzia, e Luís Lopes Pimenta, morador na rua do Guardal, celebram contrato com as religiosas para pintar e dourar os dois altares colaterais (Fig. 3 e 4). A quantia ajustada foi de 220\$000 réis¹⁸.

A nota notarial menciona como especial referência que o modelo a seguir no douramento e pintura dos altares laterais¹⁹ deveria ser idêntico ao adoptado pelo mestre Manuel Gomes de Andrade na obra que havia efectuado para a capela-mor da igreja. Os mestres comprometiam-se ainda a dourar as imagens dos altares. Para maior segurança do cliente, os mestres vimaranenses apresentavam por seus fiadores: Manuel Pereira Pimenta, mercador, morador na rua Nova do Muro e Bernardo Gomes, ferreiro, morador na rua de Santa Luzia. Os artistas tinham de dar a obra concluída até ao mês de Agosto desse mesmo ano.

7. Breve nota sobre alguns dos artistas

Alguns destes mestres vimaranenses são artistas com actividade conhecida, durante a primeira metade do século XVIII. As suas obras não têm passado

¹⁸ “*Contrato de obrigação de obra que fizeram Antonio Luis e Luis Lopes Pimenta ao convento de Santa Clara*”, nota do tabelião Manuel Pereira da Silva, A.M.A.P., N-733, fls.116v-118. Vide apêndice documental doc. nº 5. Este documento foi parcialmente publicado por BRAGA, Alberto Vieira – *obra cit.*, p. 172; Acerca destes altares veja-se: OLIVEIRA, António José de – “Talha dourada da igreja de Santa Clara...”, p. 99.

¹⁹ Um dos altares era dedicado a S. João (A.M.A.P., M-C-31, doc. avulso de 1 de Novembro de 1750). Estes dois altares laterais estavam encostados aos lados do arco cruzeiro, tendo sobre si dois baixos relevos em madeira de castanho, estofada e policromada, representando “A Sagrada Família” e o “Baptismo de Cristo”.



Fig. 3 – Altar lateral deslocado da Igreja de Santa Clara (José Luís Braga)



Fig. 4 – Altar lateral deslocado da Igreja de Santa Clara (José Luís Braga)

despercebidas aos investigadores, pelo que podemos esboçar os seus percursos artísticos.

O escultor e entalhador Ambrósio Coelho, permanece activo entre 1718 e 1737²⁰. Em 1718-1720, na igreja da Misericórdia de Viana do Castelo, executa o retábulo da capela-mor, as suas quatro imagens e os dois retábulos colaterais da nave²¹. Posteriormente, em 1726, associou-se ao mestre entalhador portuense Luís Pereira da Costa na obra de talha da igreja do Bom Jesus de Matosinhos que compreendia o retábulo, o tecto, o revestimento da capela-mor, do arco cruzeiro e duas credências²². Em 1729, após aceitar novamente

²⁰ Embora Ambrósio Coelho tenha falecido a 31 de Maio de 1747 (SANTOS, Manuela de Alcântara – *obra cit.*, p. 152) não se conhecem até ao momento segundo as fontes compulsadas, a partir de 1737 outras obras da sua autoria.

²¹ ARAÚJO, José Rosa de – *A Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo*, 2ª ed., Viana do Castelo, Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, 1983, pp.45-46.

²² GONÇALVES, Flávio – *obra cit.*, p.348; BRANDÃO, D. Domingos de Pinho – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade do Porto e na diocese do Porto. Documentação III (1726-1750)*, vol.3, Porto, 1986, pp. 65-72 e 74-79.

em parceria com Luís Pereira da Costa, a obra do cadeiral e dos órgãos da igreja do convento de S. João de Tarouca, desistiu da mesma, tendo por conseguinte o mestre portuense de a executar sozinho²³. Segundo contrato por nós publicado, temos conhecimento que a 17 de Fevereiro de 1730, obrigava-se a efectuar um retábulo para a capela da Confraria do Senhor da Agonia, sita na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, pelo lanço de 115\$200 réis²⁴. Em 1737, elaborou o risco relativo a várias peças de talha joanina da igreja paroquial de Árvore, que João Gomes Carvalho executou²⁵. Além dos aspectos biográficos de Ambrósio Coelho já devidamente apresentados por Manuela de Alcântara Santos²⁶, temos conhecimento que a 29 de Junho de 1717, Manuel Pinto de Azevedo, capelão, morador na rua das Oliveiras, arrabaldes de Guimarães, na qualidade de procurador do Conde da Ericeira Dom Francisco Xavier de Meneses, comendador da comenda de Santa Cristina de Serzedelo, arrenda esta comenda com todos os seus respectivos rendimentos pelo período de três anos ao mestre de Serzedelo. Ambrósio Coelho comprometia-se a liquidar em cada ano a quantia de 680\$000 réis pagos em três prestações iguais: Natal, Páscoa e S. João. Além desse valor em numerário, obrigava-se a pagar de pitança em cada um dos ditos anos, o seguinte: 40 varas de guardanapos finos, 20 varas de toalhas finas, 2 maços de linho fino e 8 arrobas de presuntos. No contrato é estabelecido que as pitanças seriam entregues na cidade de Lisboa por conta do arrendatário, na casa do Conde da Ericeira, enquanto que o dinheiro seria dado ao seu procurador. O referido mestre apresentava como seus fiadores e principais pagadores, os seus futuros sogros: João Ribeiro Silves e sua mulher Francisca da Costa moradores no Casal do Cerdeiro, da freguesia de Serzedelo²⁷. A 5 de Março de 1746, José da Silva morador em Serzedelo entrega a João Pinto, lavrador e morador no lugar de Riba d'Ave da freguesia de Santa Maria de Silves (termo de Guimarães) a quantia de 50\$000 réis e respectivos juros, de que era devedor Ambrósio Coelho. Por esta escritura, é-nos explicitado que essa dívida remontava ao ano de 1734. O montante totalizava 100\$000 réis, da qual já

²³ BRANDÃO, D. Domingos de Pinho – “Retábulos de talha dourada e painéis de igrejas e capelas da cidade do Porto. Apontamentos e documentos para o seu estudo”, in *Alguns retábulos e painéis de igrejas e capelas do Porto*, Porto, Câmara Municipal do Porto / Gabinete de História da cidade, 1963, p. 55, nota n.º 48. *idem* – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade do Porto e na diocese do Porto...*, pp.152-155; GONÇALVES, Flávio – *obra cit.*, p. 348.

²⁴ “Contrato que fez Manoel da Costa mercador como thezoureiro do Senhor da Agonia desta villa com Ambrosio Coelho escultor”. A.M.A.P., nota do tabelião José da Costa, N-684, fls. 69v-71. Contrato inédito referido pela primeira vez por OLIVEIRA, António José de; SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *A arte e os artistas em Guimarães no século XVIII...* Para maior segurança do encomendador, Ambrósio Coelho apresentou por seus fiadores: Lourenço Antunes morador na rua das Molianas e Inácio Rebelo morador na rua de Entre os Regatos, ambos de Guimarães.

²⁵ GONÇALVES, Flávio – *obra cit.*, p. 348.

²⁶ *Obra cit.* .

²⁷ “Arendamento dos frutos da comenda de Serzedello feito a Ambrosio Coelho da mesma freguesia e termo de Barcellos”. A.M.A.P., nota do tabelião Brás Lopes, N-599, fls. 94v-96v, documento inédito.

teria sido pago 50\$000 réis ao credor. Neste contrato, o artista não se encontrava presente²⁸, mas é designado por imaginário pelo tabelião.

Por seu turno, a Manuel Gomes de Andrade, pintor vimaranense, formado em Lisboa, se devem na igreja da Misericórdia de Viana de Castelo a pintura do tecto da nave, da cortina do retábulo-mor e os brutescos das cantarias (1721-1722)²⁹. O investigador Vítor Serrão atribui-lhe ainda, embora com reservas, a pintura do tecto apainelado da sala do capítulo da Colegiada de Guimarães, datada de 1709³⁰. Através de um contrato inédito, datado de 21 de Setembro de 1746, sabemos que Manuel Andrade arremata a obra de douramento e pintura do retábulo da irmandade de Santo Homem Bom, sita na desaparecida igreja de S. Paio de Guimarães, em parceria com os seguintes mestres pintores: António Luís, morador na rua de Santa Luzia; João da Costa da rua de Gatos; e João de Freitas Padrão morador na “Praça”. O preço ajustado foi de 180\$00 réis³¹.

Quanto a António Luís, sabemos-lo activo entre 1736 e 1767. Além da sua parceria com os três mestres vimaranenses já citados anteriormente, este conceituado pintor participa num contrato celebrado em Junho de 1746, onde surge como fiador do mestre entalhador bracarense José Álvares de Araújo na empreitada da talha da igreja do Carmo em Guimarães³². Em Outubro de 1738 e 1739, este pintor pagou em cada ano a quantia de 7\$800 réis de juros vencidos, relativos a determinada quantia que era devedor ao Convento de Santa Rosa de Lima de Guimarães³³.

8. Deslocação da talha

Esta instituição monástica feminina foi extinta pela lei de 1834, ficando este imóvel propriedade nacional com a morte da última freira ocorrida em

²⁸ “*Distrato de escriptura que fes João Pinto da freguezia de Silvares com Ambrozio Coelho da freguezia de Serzedello*”. A.M.A.P., nota do tabelião Alexandre Vaz, N-803, fls.101-102, documento inédito.

²⁹ ARAÚJO, José Rosa de – *obra cit.*, pp. 55-58.

³⁰ SERRÃO, Vítor – *obra cit.*, p.137; *idem* – “O desvario do ornamento de Brutesco na pintura de tectos do mundo português, 1580-1720”, in *A Obra de Arte Total nos séculos XVII e XVIII*, Actas, vol. 1, Lisboa, Ministério da Cultura / Instituto Português do Património Arquitectónico, 1999, p. 298.

³¹ “*Obrigassão de obra de douramento do retabollo de Sam Homem Bom que fazem Manoel Gomes e outros pintores desta villa de Guimarães a Irmandade do mesmo Santo situada na igreja de Sam Paio della*”. A.M.A.P., nota do tabelião João Pereira de Carvalho Guimarães, N-854, fls. 185-186v; Contrato parcialmente transcrito por OLIVEIRA, António José de; SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *A arte e os artistas em Guimarães no século XVIII...*

³² OLIVEIRA, António José de; OLIVEIRA, Lígia Márcia Cardoso Correia de Sousa – “Artistas bracarense que trabalharam em Guimarães e seu termo no século XVIII”, in sep. *Mínia*, 3ª série, nº5, Braga, ASPA, 1997, pp.20-22; *idem* – “Mestres pintores portuenses em Guimarães (1754-1768): sua actividade na Igreja do Carmo e de S. Domingos”, in *Poligrafia*, n.º9, Arouca, Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 2000, (no prelo); *idem* – “A talha da igreja do Carmo (1746-1754)”, in *IX Encontro de História Local*, Guimarães, Museu de Alberto Sampaio, 2001 (policopiado).

³³ A.M.A.P., Livro de recibos do convento de Santa Rosa de Guimarães (1725-1740), M-C-96, documento inédito.

1891³⁴. Com vista à expansão do Seminário de Nossa Senhora da Oliveira inaugurado em 1891, na presença do rei D. Carlos e da Rainha D. Amélia, o Governo cede a esta instituição, o edifício do extinto convento e igreja de Santa Clara, por decreto de 18 de Setembro de 1893³⁵. Entretanto, a 27 de Agosto de 1893, iniciam-se as obras de adaptação do convento a estabelecimento de ensino³⁶ que prefiguram as diversas mutações que o edifício irá sofrer ao longo do século XX. Três anos depois, o pequeno seminário é transformado em Liceu Nacional³⁷. A 28 de Maio de 1968, as dependências conventuais de Santa Clara sofrem mais uma reutilização, quando os serviços da Câmara Municipal foram para aí transferidos, após terem sido, cedidos à autarquia, pelo Estado³⁸. Cinco anos depois, o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta é instalado no interior do templo onde curiosamente, podemos reencontrar o cartório do convento, bem como todos os registos notariais, aqui apresentados.

No ano de 1924, toda a obra de talha existente na igreja do convento de Santa Clara, foi deslocada do seu primitivo local quando a Comissão Central da Execução da Lei da Separação resolveu vender em hasta pública todo o espólio da igreja³⁹. O templo foi então esvaziado e secularizado, dispersando-se muitos dos seus bens e perdendo-se a unidade de toda a talha aí existente. Nessa altura, um grupo de vimaranenses conseguiu ainda adquirir as ilhargas da capela-mor e o retábulo-mor – executados por Ambrósio Coelho e por Manuel Gomes de Andrade – que cedeu à Comissão de Melhoramentos da Penha para o seu novo santuário em construção. Actualmente, desse grandioso retábulo-mor apenas nos restam duas fotografias anteriores a 1924, no Arquivo fotográfico do Museu de Alberto Sampaio⁴⁰, que aqui apresentamos (Fig. 1 e 2), pois esse altar-mor desapareceu num incêndio ocorrido a 13 de

³⁴ A 2 de Dezembro desse ano, António Martins Ferreira, conservador de 2ª classe de obras, desenha um conjunto de plantas do extinto convento: planta do pavimento térreo (escala 1/100); planta do 1º andar (escala 1/100); planta do 2º andar (escala 1/100); planta geral (1/500); e planta das sobrelojas (1/100). Estas peças desenhadas existentes no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, em bom estado de conservação, são um precioso instrumento de pesquisa que nos permitem apreender as diversas modificações que este imóvel sofreu desde a sua extinção até aos nossos dias. Estas plantas quase desconhecidas dos investigadores representam também a cartografia mais antiga deste edifício.

³⁵ MORAES, Maria Adelaide Pereira de – *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, Guimarães, ed. do autor, 1998, p. 451.

³⁶ BELLINO, Albano – *Archeologia Christã*, Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1900, p. 177.

³⁷ *idem*, *ibidem*, p.177; MORAES, Maria Adelaide Pereira de – *obra cit.*, p. 455.

³⁸ *Catálogo da exposição Mariano Felgueiras: o político vimaranense e a cidade*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 2000, p. 83.

³⁹ Sobre esta questão veja-se: BRAGA, Alberto Vieira – *obra cit.*, pp. 167-181; ALMEIDA, Jerónimo de – “Uma capela-mor (século XVII)”, in *Ilustração Moderna*, vol. 6, Porto, 1926, p.146; SANTOS, Manuela de Alcântara – *obra cit.*, p.145.

⁴⁰ Acerca do autor desses dois importantes registos fotográficos, apenas podemos referir que presumivelmente tratar-se-á de Domingos Machado da cidade de Guimarães, já que uma dessas fotos foi publicada por Alberto Pereira de Almeida com essa indicação na legenda (*Portugal Artístico e Monumental*, Lisboa, Tipografia do Anuário Comercial, s/d, p. 597) .

Fevereiro de 1939, quando se encontrava recolhido na Penha para integrar o santuário em construção ⁴¹.

Algumas dos objectos a que se atribuiu maior valor artístico foram entregues à Sociedade Martins Sarmento com o propósito de integrarem em um futuro museu de arte sacra. Foram elas: 56 azulejos ⁴²; dois baixos representando o “Baptismo de Cristo” ⁴³ e a “Sagrada Família” ⁴⁴, que se encontravam colocados respectivamente de cada lado do arco cruzeiro da igreja; o grupo escultórico designado de “Fuga para o Egipto” ⁴⁵; um par de anjos-tocheiros que foram executados por Ambrósio Coelho e Manuel Gomes de Andrade; e seis pinturas a óleo sobre tela, da autoria de Manuel Gomes de Andrade ⁴⁶. Os restantes bens foram arrematados e acabaram dispersos nas mãos de particulares.

Todas estas peças entregues à Sociedade Martins Sarmento, deram entrada em 1937 ⁴⁷, no acervo do Museu de Alberto Sampaio, entretanto criado em 1928 ⁴⁸, no qual o seu primeiro director, o Sr. Alfredo Guimarães tentou reconstituir o espaço sacro da igreja de Santa Clara ⁴⁹. A 12 de Fevereiro de

⁴¹ Sobre este incêndio veja-se a título de exemplo: CARDOSO, António – “O Santuário da Penha e a sua Arquitectura” in *Santuário de Nossa Senhora da Penha: Simpósio Mariológico*, Actas, Braga, Universidade Católica Portuguesa / Irmandade de Nossa Senhora da Penha, 1994, p. 152; MEIRELES, Maria José Marinho de Queirós – “A obra do arquitecto Marques da Silva em Guimarães”, in *Mínia*, 3ª série, vol.2, Braga, ASPA, 1994, pp.149-150. Este acontecimento trágico foi noticiado na época em vários periódicos de Guimarães, veja-se a título de exemplo: Notícias de Guimarães e o Comércio de Guimarães.

⁴² Em 1953, esses azulejos encontravam-se expostos no claustro do Museu de Alberto Sampaio (GUIMARÃES, Alfredo – *Guimarães, Guia de Turismo*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 2ª ed., 1953, p. 116).

⁴³ M.A.S.= Museu de Alberto Sampaio, n.º de inventário E 10.

⁴⁴ M.A.S., n.º de inventário E 9.

⁴⁵ M.A.S., n.º de inventário E 13.

⁴⁶ M.A.S., n.º de inventário P 14. Do conjunto apenas existem actualmente cinco telas.

⁴⁷ A.M.A.S.= Arquivo do Museu de Alberto Sampaio, Livro correspondência manuscrito n.º 3, officio n.º 124, de 19 de Outubro de 1937. No entanto, o grupo escultórico da “Fuga para o Egipto”, bem como os dois baixos-relevos em madeira de castanho, estofados e policromados já tinham ingressado no acervo do Museu em 1934, data em que aparecem inscritos no inventário do Museu pelo mão de Alfredo Guimarães (A.M.A.S., Inventário do Museu Regional de Alberto Sampaio (Guimarães), de 13 de Março de 1934). No seu acervo museológico o M.A.S. possui uma moldura de madeira de castanho em talha dourada proveniente do centro do coro superior da igreja de Santa Clara, que se aproxima estilisticamente com a restante talha da igreja (GUIMARÃES, Alfredo – *Mobiliário artístico português...*, p.107). Posteriormente foi colocada neste caixilho de talha dourada uma pintura a óleo sobre madeira de castanho representando Nossa Senhora do Pópolo. Esta moldura exposta na sala de escultura (nº inv. E 153) possui as seguintes dimensões: alt. 87,5 cm; larg. 78,5 cm.

⁴⁸ Decreto-Lei n.º 15209 de 17 de Março de 1928. No entanto, o Museu apenas abriu as suas portas ao público a 1 de Agosto de 1931, com a exposição ao público de 252 peças: “47 em ouro; 86 em prata; 1 em cobre; 1 em ferro; 1 em alabastro; 9 em calcário; 6 em granito; 1 em madreperola; 31 em madeira entalhada; 33 quadros; 10 bordados; e 26 tecidos, de origem portuguesa, hespanhola, franceza, italiana, indiana, do seculo XII ao XIX”. (A.M.A.S., Mapa manuscrito enviado à Direcção Geral de Estatística relativo ao ano de 1931, datado de 25 de Janeiro de 1932).

⁴⁹ O projecto da instalação da talha de Santa Clara numa sala com essa denominação demorou vários anos a concretizar-se, apesar das constantes insistências do primeiro director do Museu. Por exemplo, num officio de 1941, enviado ao Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, Alfredo Guimarães afirmava: “Em Janeiro de 1938 – há mais de tres anos – ficaram inter-

1935, Alfredo Guimarães tinha já adquirido por verba atribuída pelo Ministério da Instrução Pública⁵⁰, os revestimentos parietais da capela-mor. Essa aquisição pelo Museu de Alberto Sampaio possibilitou que pelo menos as ilhargas da capela-mor fossem poupadas no incêndio de 1939. Em 1951-52, toda essa talha existente na denominada sala de Santa Clara do Museu de Alberto Sampaio, foi alvo de uma intervenção de conservação e restauro, executada por António Alves, com oficina na rua de S. Marcos, da cidade de Braga⁵¹. Por fim, em 1996, técnicos da Divisão de Escultura do Instituto de José de Figueiredo que se deslocaram ao Museu realizam a última intervenção de conservação e restauro da talha de Santa Clara.

Para encerrarmos o ciclo aqui brevemente apresentado, apenas falta referir o paradeiro dos altares laterais dourados e pintados por António Luís e Luís Lopes Pimenta. Após várias visitas realizadas ao património edificado de Guimarães, e segundo indicação de Araújo Abreu e de Álvaro Fonseca⁵² pudemos redescobrir esses dois altares que se encontram no interior da igreja do antigo convento da Madre Deus de Guimarães, onde funciona desde 1918, o Centro Juvenil de S. José (Fig. 3 e 4).

rompidas neste Museu, as obras de restauro e organização da sala que contem as talhas do extinto convento de Santa Clara, e se destinava igualmente à instalação de numerosos exemplares de sedas orientais e europeas” (A.M.A.S., Livro correspondência manuscrito n.º 5, ofício n.º 61, de 30 de Setembro de 1941). Nesse mesmo ofício, insistia para que o Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes intercedesse junto da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais para a conclusão dos trabalhos na referida sala.

⁵⁰ A.M.A.S., factura/ recibo no valor de 3000\$00 assinado por Manuel Pereira, tesoureiro da Comissão de Melhoramentos da Penha, de 12 de Fevereiro de 1935. A 2 de Fevereiro de 1935, Alfredo Guimarães envia um documento em triplicado ao Director dos Serviços da 10ª Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Pública para a concessão de 3000\$00 para a aquisição “*de um grupo de talhas policromadas que revestiam as laterais da antiga capela-mor do Convento de Santa Clara de Guimarães*” (A.M.A.S., Livro correspondência manuscrito n.º 1, ofício n.º 199, de 2 de Fevereiro de 1935).

⁵¹ Na execução desses trabalhos, o artista comprometia-se a efectuar pelo preço de 10000\$00 o “*douramento a ouro fino mordente, ouro de 22 Kilates, de toda a talha nova existente nas duas paredes, levando uma patine para lhe dar um tom antigo e assim ficar a condizer com o que existe. Será também retocado a ouro fino mordente, ouro de 22 Kilates, todas as partes caídas do douramento velho, já existente, retoques estes que levarão também uma patine nas mesmas condições da anterior*” (A.M.A.S., orçamento enviado por António Alves em 30 de Julho de 1951). A intervenção de António Alves abrangeu ainda a pintura em três cores, a duas mãos da sala e caiar as paredes pelo preço de 4000\$00 (A.M.A.S., factura/ recibo da firma António Alves, Suc. (Filho) endereçada à Câmara Municipal de Guimarães, de 29 de Março de 1952). Na reunião de 2 de Fevereiro de 1952, a Câmara de Guimarães deliberou em reunião ordinária atribuir o subsídio de 7000\$00 para o restauro das talhas (A.M.A.S., ofício n.º 177 – S, enviado pelo Presidente da Câmara de Guimarães, Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, de 7 de Fevereiro de 1952) em resposta ao pedido solicitado por Alfredo Guimarães (A.M.A.S., Livro correspondência manuscrito n.º 7, ofício n.º 166, de 2 de Fevereiro de 1952).

⁵² *História breve das oficinas de S. José de Guimarães*, Guimarães, Oficinas de S. José, 1989, p. 37. De acordo com os mesmos autores estes altares foram oferecidos pela Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, em 1943 (*obra cit.*, p. 37)

9. Conclusão

Actualmente, a extinta igreja de Santa Clara é uma imagem esbatida do belo interior onde a talha desempenhou uma função primordial. Confrontando as fontes arquivísticas com os registos fotográficos antes da sua deslocação em 1924, tentamos reconstituir esse espaço sacro. A preservação de parte deste templo pode ter uma leitura segundo duas perspectivas: por um lado é um exemplo flagrante da destruição do património da cidade de Guimarães e simultaneamente um exemplo da importância de um movimento associativo de vimaranenses na preservação e valorização dos bens artísticos locais e regionais. Esta última conduta, motivou o projecto da criação de um museu de arte sacra materializado na fundação do Museu de Alberto Sampaio e a integração de parte da talha de Santa Clara no seu acervo museológico⁵³.

Apêndice documental⁵⁴

Documento n.º 1

1731, Fevereiro, 8 – Guimarães.

A.M.A.P., nota do tabelião Manuel Pereira da Silva, N-725 (N-723)⁵⁵, fls.24v-26.

“⁵⁶ Contrato de obra de pedraria que fizeram a madre abbadesa e mais religiosas do convento de Santa Clara com os pedreiros Manuel Luis e Manoel da Costa.

Em nome de Deos amen. Saibão quantos este publico jnstrumento de contrato de obra feita na forma ao diante declarada e pella melhor sua forma que adiante tem lugar e mais firme seja virem como no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e setesentos e trinta e hum annos aos oito dias do mes de Fevereiro do dito anno nesta villa de Guimaraes neste convento de Santa Clara della no palratorio delle onde eu tabaliam fui vindo ahy perante mim

⁵³ Os autores não podem deixar de manifestar o seu reconhecimento por todos quantos possibilitaram, pelo espírito de colaboração revelado que este trabalho fosse possível. À Dr.^a Isabel Maria Fernandes, directora do Museu de Alberto Sampaio, pelo apoio constante e as facilidades concedidas na recolha de variados elementos no Arquivo do Museu e pela cedência da documentação fotográfica da igreja de Santa Clara antes ser desmantelada a sua obra de talha (fig. 1 e 2). Ao Senhor José Luís Braga pela realização das duas imagens fotográficas dos altares laterais da igreja, actualmente nas Oficinas de S. José (fig. 3 e 4). Ao Senhor Luís Miguel Sousa pela apoio prestado no tratamento das ilustrações. E ao Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, as facilidades que nos concedeu na reprodução das assinaturas dos intervenientes nos contratos notariais transcritos (fig. 5, 6, 7, 8 e 9) e a todos os funcionários da mesma instituição, pela simpatia com que sempre nos acolheram no seu seio.

⁵⁴ Os critérios usados na transcrição dos documentos em apêndice, foram os seguintes: desdobramento de abreviaturas sem assinalar as palavras reconstituídas; separação de palavras unidas indevidamente; actualização do uso das maiúsculas e minúsculas; manutenção da grafia da época; colocação do sinal (...) no lugar de palavras com dificuldade de leitura; indicação do final de cada página do original, usando-se o sinal //.

⁵⁵ Devido ao facto de as cotas do fundo notarial terem sido alteradas a partir de 2000, quando já tínhamos efectuado a leitura paleográfica das nossas fontes, optamos por colocar entre parêntesis, a cota anterior.

⁵⁶ Escrito na margem esquerda: “dada”.

taballiam e testemunhas ao diante nomeadas e asinadas apparesem partes outrogantes e asiantes combem a saber de huma parte estava a Muito Reverenda Madre Abadesa Donna Maria (sic) digo Donna Ighes Maria de Santa Rosa e mais deputadas do governo no fim deste publico jnstromento asinadas e chamadas para ouvir ao som de campa tangida segundo o tem de seu antigo costume e da outra parte estavam Manoel Luis mestre de pedraria e morador no lugar da Ponte de Moreira da freguesia de Santa Maria de Lesa do Valio e Mamoel da Costa mestre pedreiro de Laufre freguesia do Salvador de Moreira da comarca do Porto e huns e outros pesoas que eu tabaliam reconheso e logo na minha presença e das ditas testemunhas pella dita madre abadesa e mais deputadas foi dito que querendo ellas fazer a obra que ao diante se declara a puseram a lanços e o ultimo preço por que a quiseram fazer e nam (sic) digo fazer e quem melhor ha fesece e por therem noticia que os sobreditos heram dos melhores mestres do que ha neste comtorno e que havia de dar satisfaçam se ajustaram com elles de lha darem asim(...) ⁵⁷ da comonidade e por niso estarem conformes de parte a parte se ajustaram que a obra avia de ser na forma e maneira // (fl.25) seguinte a saberse ha de fazer na cappella mor acrescimo para tras quinze palmos em desbam porem hira para a traseira a mesma pedra que esta atras do altar mor e não ha de ter mais largura e de fiadas de escoadria na forma que se acha alem de que em toda a cappella mor tera mais de altura donde esta para sima sete palmos e lhe faram duas frestas huma de cada parte que thera cada huma honze palmos e meyo de alto e de largo coatro a correspondencia das outras e lhe faram mais humas janella que servira de tribuna para se ouvir missa da casa da informaria que thera de alto coatro palmos e de largo seis ou o que melhor couber e melhor for e na mesma parede faram dentro na trebuna outra janella para dar a comenham para a informaria que se fara como melhor acomodar e ellas quizerem e faram mais hum portal da sancrestia para a trebuna que ha de ter de alto nove palmos e de largo coatro e meyo e se faram neste portal tres degraos de pedra embotidos na parede e fasendo forma de subir para a trebuna e na empenna da dita cappella mor lhe faram duas peraminas bem feitas com huma cruz com seus pedrastais tudo metido em sua medida e faram mais a empenna do arco cruzeiro com sua cureginco (sic) digo curniga toda nova com peraminas e chrus correspondente as da cappella mor e lhe faram mais huma peramina a veira do mirante correspondente as mais e por detras da trebuna lhe faram as luses que o mestre do retabollo lhe ensinuar e asim mais mudaram os ditos mestres os presbyterios onde focem nesarios e lhe meteram hum degrao dos que tem. E asim mais faram e acrescentaram na casa da informaria e samcristia vinte e sete palmos de comprimento para baixo e lhes faram tres frestas embaixo de alto tres palmos e de comprido sinco e meyo apillaradas por dentro // (fl.25v) e por fora levaram a casa sobredita em sima duas janellas rasgadas para a parte da orta com as mesmas pedras e grades que tem e para a parte do nasente lhes faram de tras duas de novo rasgadas ou de peitoral como elles quiserem e lhes faram a mesma cornnige correspondente a que esta e asim seram mais elles mestres obrigados a meter tres frestas no coro de sima que theram de altura coatro palmos e de largo seis e visto (sic) digo se entende o vivo e que toda a dita obra sera feita de pedra de galho como se acha a mais e so as frestas e pregaminas e cornnigas e o degrao da cappella mor e cruces e frestas sera tudo de pedra fina o que seram obrigados os ditos mestres a cobrar a pedra caretos e tudo mais athe a por levantada e para o asentar da obra lhes daram ellas religiosas a cal nesaria que elles amasariam e que tambem lhe daram o sabro nesario posto aonde se amasar e que por toda a dita obra lhes daram ellas relegiasas a elles mestres seiscentos e sesenta mil reis em dinheiro se lhe dara a elles mestres as ferias conforme verem que vay correndo a obra e o ultemo pagamento se lhe nam fara athe nam se rever a dita obra para se ver se he conforme se ajustaram e antam lhe faram o dito pagamento e estando na mesma forma e que para o monte lhe daram fejam para elles ho mandarem faser e vindo para a obra lhes daram o caldo tudo para os ditos ofeciais e para o mestre lhe daram sempre des o principio da obra athe o fim huma resam de freira jnteira conforme elle o quizer crua ou ya temperada e que nesta conformidade he que se ajustaram de parte a parte que a tudo comprirem jnteiramente obrigavam como de facto obrigaram suas pesoas e todos os seus bens asim moveis como de rais avidos e por aver e terços de sua alma e que contra este jnstromento nam lhe vam per sy nem por outro em parte nem em todo em juizo nem foro de lei que por todo o comprimento e satisfaçam deste jnstromento responderam nesta // (fl.26) responderam nesta villa de Guimaraes perante o dito juiz de fora ou do ordenario della para o coal se

⁵⁷ Palavra de difficil leitura.

desaforavam de suas justiças de seu foro e renunciavam todas leis privilegios e liverdades que façam a seu favor e o que se possam chamar e que de presente tenham e ao deante possam ter e alcançar e assim deseram e outrogaram ser nesta nota mandavam ser feito o seguinte jnstromento e delle pediram hum e muitos deste theor sendo a tudo testemunhas presentes o Muito Reverendo Conego Gonçalo Antonio de Sousa Lobo da cidade de Braga com o Reverendo Padre Manoel Vas cappellam deste convento que todos aqui asinaram despoes deste jnstromento e de mim Manoel Pereira da Silva tabaliam que o escrevi.

(Assinado:) Dona JGNES FERREIRA DE SANTA ROSA abbadesa
 (Assinado:) Dona JOZEPHA DE JEZUS MARIA vigaria da caza
 (Assinado:) Soror ANTONIA DE SÃO THOMAS mestra da ordem
 (Assinado:) Soror CLARA DE SÃO FRANCISCO depozitaria
 (Assinado:) Dona MICHAELLA ANTONIA DA GLORIA escriva do convento
 (Assinado:) MANUEL LUIZ
 (Assinado de cruz:) MANUEL + DA COSTA
 (Assinado:) GONÇALO ANTONIO DE SOUZA LOBO
 (Assinado:) Padre MANOEL VAZ ”

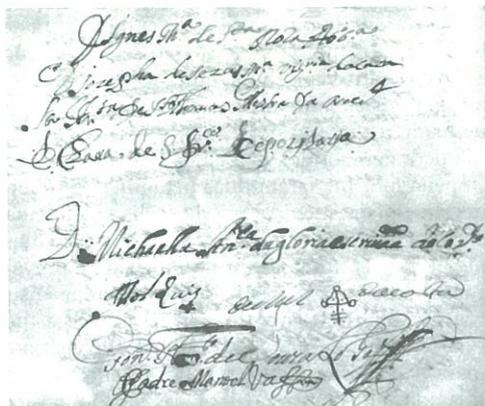


Fig. 5 – Assinaturas das partes intervenientes no contrato (A.M.A.P., N-725, fls. 24v-26)

Documento n.º 2

1731, Fevereiro, 13 – Guimarães.

A.M.A.P., nota do tabelião Manuel Pereira da Costa, N-725 (N-723), fls.28v-29v.

“Contrato sobre o retabollo que feserao a madre abbadessa do convento de Santa Clara com Ambrozio Coelho de Santa Crestina de Sersedelo.

Em nome de Deos amen. Saibam quantos este publico jnstromento de contrato de obra feito na forma ao deante declarado e pella melhor via e forma quando tenha lugar e mais firme seya virem em como no anno do nasimento de Nossa Senhor Jezus Cristo de mil e setesentos e trinta e hum annos aos trese dias do mes de Fevereiro do dito anno nesta villa de Guimaraes nas grades deste convento de Santa Clara onde eu taballiam ao diante nomeado fuy vindo ahy perante mim taballiam e testemunhas ao diante nomeadas e asinadas appareceram partes presentes outrogantes e aseitantes combem a saber de huma parte estava a Muito Reverenda Madre Abadessa Donna Ignês Maria de Santa Rosa e mais deputadas do governo deste convento no fim deste publico jnstromento asinadas e chamadas por som de campa tangida segundo o tem de seu antigo custume e da outra parte estava Ambrozio Coelho escultor e emalhador morador no lugar de Hurinhais da freguezia de Santa Crestina de Sersedelo termo da villa de Barcellos peoas que eu tabaliam reconheso e logo na minha presença e das ditas testemunhas

pella dita madre abbadeça e mais deputadas do governo foy dito que querendo fazer hum retabullo e trebuna e dous anjos na jgreya deste convento puseram a lanços a dita obra a quem a feses por menos preço nem melhor mestre do que o dito Ambrozio Coelho e que cuyo ultimo lanço de menos de seisentos mil reis em dinheiro de contado e que pello dito preço lhe pora elle Ambrozio Coelho a dita obra asentada e feita prefeta e acabada na forma em que ha de fecar para se dourar cuya obra ha de ter seu principio para dia de Pascoa de Flores que bem e contenuar alem dia athe findar em meter outra em meyo e contenuara athe dar finda sem entrepullaçam na forma de huma planta que ha de apresentar a ellas religiosas que // (fl.29) asinaram e asim a fara que a dara finda o mais tardar athe o fim do mes de Agosto do anno de mil setesentos e trinta e dous e não faltara ao tal e que faltando o que faltar se pora novamente a dita obra a lanços e pello preço que se feses o paguara elle mestre em dobro e que os pagamentos do dinheiro lho faram em tres pagamentos no principio e no meyo da obra e o ultimo pagamento despoes da obra finda e revista se esta conforme a planta ou não lhe estando se lhes satisfara o ultimo pagamento jnteiramente e se estiver menos a pora corrente e athe a(...) ⁵⁸ por na forma da planta se lhe nam entreguara o ultimo pagamento e que a tudo comprir jnteiramente obregavam de parte a parte suas pesoas e todos os seus bens asim moveis como de rais e rendas deste convento e que contra este jnstromento(...) ⁵⁹ per sy nem por outro nem parte nem todo em juizo nem fora delle e que por todo o comprimento e satisfaçam deste jnstromento responderiam nesta villa de Guimaraes perante o doutor juiz de fora ou do ordenario dellas para o coal juizo se desaforavam todos os prevelegios e liverdades que façam a seu favor e a que se posam chamar que de presente tenham e ao deante possam ter e alcançar posto que seyam privilegios encorporados em direito e tempo de fereas geraes e especiais aos des dias da ley e comsedidos as escripturas publicas por que de nada husara manter em tudo estavam por este jnstromento como nelle se conthem e declara e asim o disseram quesperam e outrogaram e aseitaram e nesta nota mandaram ser feito o presente jnstromento e delle pediram hum e muitos deste theor que prometeram cumprir sendo todos testemunhas presentes o Reverendo Conego gonçalo Antonio de Sousa Lobo da cidade de Braga e Jeronimo Lopes carpinteiro desta villa que todos aqui asinaram despoes deste jnstromento lido e eu Manoel Pereira da Silva // (fl.29v) taballiam que o escrevy.

(Assinado:) AMBROZIO COELHO

(Assinado:) Donna JGNES MARIA DE SANTA ROSA abbadeça

(Assinado:) Donna JOZEPHA DE JESUS MARIA vigaria da caza

(Assinado:) Soror ANTONIA DE SANTO THOMAS mestra da ordem

(Assinado:) Soror CLARA DE SÃO FRANCISCO depozitarya

(Assinado:) Donna MICHAELLA ANTONIA DA GLORIA escrivaa do convento

(Assinado:) GONÇALO ANTONIO DE SOUSA LOBO

(Assinado:) HYERONIMO LOES DE MESQUITA

Fig. 6 – Assinaturas das partes intervenientes no contrato (A.M.A.P., N-725, fls. 28v-29v)

⁵⁸ Palavra de difícil leitura.

⁵⁹ Palavra de difícil leitura.

Documento n.º 3

1731, Fevereiro, 13 – Guimarães.

A.M.A.P., nota do tabelião Manuel Pereira da Costa, N-725 (N-723), fls.29v-30v.

“Obrigaçam que fes Jeronimo Lopes desta villa ao convento de Santa Clara desta villa.

Em nome de Deos amen. Saibam quantos este publico jnstrumento de contrato de obra feito na forma ao diante declarado e pella melhor via e forma que em direito tenha lugar e mais firme seya virem como no anno do nasimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e setecentos e trinta e hum annos aos trese dias do mes de Fevereiro do dito anno nesta villa de Guimaraes no convento de Santa Clara della onde eu tabaliam ao diante nomeado fuy vindo ahy perante mim e testemunhas ao diante nomeadas e asinadas apareseram partes presentes outrogantes e aseitantes combem de huma parte estava a muita reverenda madre abbadesa e mais deputadas deste convento no fim deste publico jnstrumento asinadas chamadas por vos de som e campa tangida segundo o tem de seu antigo custume e da outra parte estava Jeronimo Lopes carpinteiro e morador na rua das Moleannas desta villa pesoas que reconheso e logo na minha presença e das ditas testemunhas pellas ditas madre abbadesa e mais deputadas do governo foi dito que ellas queriam dar a obra de carpintaria da obra da jgreja samcristhia // (fl.30) e cappella mor que se ha de fazer e a casa que se ha de fazer sobre a samcretia que he para a jmformaria que toda a dita obra se ha fazer na forma seguinte: a cappella mor se ha de fazer de novo e emmeydeirada por sima toda de pernas novas e frechais novos e forrados por sima de escama de peixe e ripada por sima de forro para asentar a telha forrada por baixo em bolta redonda lisa e hum friso na forma da do retabollo e folho para a casa da trebuna trabeyado he barrotado e o outro por sima para a comunhão da jmformaria na altura que for nesesia e hum emmadeiramento de pao altos para encostar o retabollo e emmadeiramento para a casa nova que ha de ser de pernas e furrada por baixo e traveyada e barrotada por baixo tambem barrotada para asentar o forro que ha de fazer sobre a samcretia para a trebuna huma porta e suas escadas e na casa nova suas janellas rasgadas que são coatro que seram na forma das velhas e que por tudo lhes daram a ferragem e pregos para pregar a ferragem e tudo a mais ferragem por conta do convento e pregaria por conta delle carpinteiro que para tudo lhes satisfaram e pagarao tresentos mil reis em dinheiro de contado que hiram dando para as madeiras e pregos aos officiais asim como elle Jeronimo Lopes lhe for ordenando quem entrara nella logo asim que estiver em(...) ⁶⁰ da pedraria e que asim que a comesase della não sahiria athe a nam findar com penna de a mandar fazer por sua conta e que a tudo comprirem jnteiramente obrigavam de parte a parte suas pesoas e todos seus bens asim moveis como de rais avidos e por aver e terços e suas almas e rendas deste convento e que porseda o comprimento e satisfaçam deste jnstrumento responderam nesta villa de Guimaraes perante as testemunhas e juis de fora ou do ordinario della para o coal juizo se desavoravam do juis e justiças de seu foro // (fl.30v) e renunciavam todas as leis privilegios e liverdades que façam a seu favor e a que se possam chamar e que de seguinte tenham e ao diante possam ter e alcançar posto que sejam prevelegios emcorporado em direito e tempo de fereas gerais e especiais e dias de doente e enojados e os des dias da ley consedidos as escripturas publicas por que de nada largara antes em tudo estar na forma deste jnstrumento como nelle se comthem e declara e asim o deseram quesseram e outrogaram nesta nota mandaram ser feito o seguinte jnstrumento e delle comprir sendo a tudo testemunhas presentes o Reverendo Conego Padre Gonçalo Antonio de Sousa Lobo da cidade de Braga e Ambrozio Coelho escultor da freguezia de Santa Crestina de Sersedelo que todos aqui asinaram despoes delle lido e eu Manoel Pereira da Silva tabaliam que o escrevi.

(Assinado:) HIERONIMO LOPES DE MESQUITA

(Assinado:) Donna JGNES MARIA DE SANTA ROSA abbadesa

(Assinado:) Donna JOZEPHA DE JEZUS MARIA vigaria da caza

⁶⁰ Palavra de dificil leitura.

(Assinado:) Soror ANTONIA DE SANTO THOMAS mestra da Ordem
 (Assinado:) Soror CLARA DE SÃO FRANCISCO depositaria
 (Assinado:) Donna MICHAELLA ANTONIA DA GLORIA escritava do convento
 (Assinado:) Conego GONÇALO ANTONIO DE SOUZA LOBO
 (Assinado:) AMBROSIO COELHO”

Fig. 7 – Assinaturas das partes intervenientes no contrato (A.M.A.P., N-725, fls. 29v-30v)

Documento n.º 4

1733, Janeiro, 13 – Guimarães.

A.M.A.P., nota do tabelião Manuel Pereira da Costa, N-728 (N-727), fls.16v-18v.

“Obrigaçam que festeram Manoel Gomes desta villa e Ambrosio Coelho ao convento de Santa Clara

Em nome de Deos amen. Saibam quantos este publico jnstromento de contrato e obrigaçam feito tudo na forma ao diante declarado // (fl.17) e pella melhor via e forma que em direito faz ha lugar em mais firme seya verem em como no anno do nasimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e setecentos e trinta e tres annos aos trese dias do mes de Janeiro do dito anno neste convento de Santa Clara no palrtratorio delle de grades afora onde eu tabaliam publico ao diante nomeado fuy vindo ali perante mim tabaliam e testemunhas ao diante nomeadas e asinadas combem a saber de huma parte estava a Muito Soror Donna Jgnes Maria de Santa Rosa abbadessa deste convento e mais deputadas do governo no fim deste publico jnstromento asinadas chamadas por vos e de som e campa tangida segundo o fim de seu antigo custume e da outra parte estavam de grades afora Manoel Gomes de Andrade pintor e morador na rua Caldeiroa desta villa e Ambrosio Coelho escultor e morador no lugar de Hurinhais da freguezia de Santa Crestina de Serzedello termo da villa de Barcellos huns e outros pesoas que eu tabaliam reconheso e logo na minha presença e das ditas testemunhas pella madre abbadesa e mais relegiosas do governo foy dito que querendo fazer cresensa na obra da jgreya e fazer lhe os lados e juntamente pintar e dourar e que para que lhe deso e para se dar a dita obra ou obras a que foram a lanços a quem o quisece fazer por menos que comesace os ultimos lanços que dera na dita obra ou obras fora os ditos Manoel Gomes e Ambrosio Coelho e por hesa rezam se lhe ouve por dada a cada hum a que lhe pertense e a forma como a ha de contnuar como perfeita na forma e maneira seguintes: em primeiro lugar dourar o retabollo e trebuna e ilhargas e ha de fazer tudo como he dourar encarnar e estufar e no tecto da cappella mayor ha de fazer hum coadro na forma que lhe ensenuem e seis coadros das jlharguas na dita forma e outro na tribuna e fara na bolta do arco por sima da parte de dentro hum cortenado fingido com seus rapases pegando nelle e que os anjos que estam nas cardenseas (sic) digo nas cardencias e o primeiro banco do retabollo e frontal tudo dourado e bornido e que tudo sera feito com ouro agemado e subbido dos // (fl.17v) meliores e das melhores tintas o coal ouro correrá tudo por conta do convento para a dita obra a custa delle mestre he pintara mais a samcristia a saber tecto o coal constara de coadros e estes teram os frisos com seu filete dourado e os coadros pintados de brotesco com tintas finas e com toda a prefeição pocivel e que mais pintara o labatoreo frestas e ferros tudo fingido de marmore com a pro-

feição pocivel e da mesma sorte ha de ser as cardencias da capella mor e portadas e hum caixam onde se ham de meter os ornamentos da jgreja que sera pintado de angelim ou pao preto e que pintara a olhio as grades das mesmas frestas cuya obra fara na planta (sic) digo na forma da planta que lhe mostraram e viu e na forma que asima se declara da que eu taballiam asiney com elle mestre e que por tudo lhe ha de dar este convento hum conto e dusetos e sincoenta mil reis em dinheiro bom e corrente neste reino a saber logo sem mil reis para comprar aparelhos e no entrar outros sem mil reis e meada a tribuna outros sem mil reis e acabado o tecto e retabollo outros sem mil reis he tudo o mais no fim da dita obra feita e que asim nesta forma fara a dita obra de tecto retabollo he tribuna feita athe dia de Santa Clara que he a doze de Agosto deste anno e se nam for pocivel o dalla acabada athe o dito dia o fara athe o fim de Outubro e que senão devertira com outras obras e pello dito Ambrozio Coelho foi dito que tinha tambem thomado os lados da capella mayor na forma da planta por mim e por elle asinada e que os fara na forma da dita planta des o frizo para baixo e que pella dita obra lhe dara este convento sento e oitenta mil reis em dous pagamentos ha metade no principio e outra metade no fim do mes de Mayo primeiro vindouro e que podera deser que fara tudo a sua custa exceto ferros e chumbos e os pregos por conta delle mestre que a faserem hum e outro as ditas obras obrigavam como de feito obrigaram suas pesoas e todos seus bens asim moveis como de // (fl.18) como de rais avidos e por aver terços de sua alma e que se obrigava a nenhum faltar e que faltando perderam o que tiveram feito e reporao o que tiverem recebido que por cada mes que demais pasar perderam sincoenta mil reis athe o fim da dita quoaquia desendo elles mestres ambos juntos e quada hum de per sy insolidum que finda a dita obra se revera e achando ce como estava nesta obrigados se lhe paguara e senão enquanto o que seram na forma em que se ajustaram e na forma da planta se lhe paguara jnteiramente e que huns e outros a tudo comprirem obrigaçam como de feito obrigavam suas pesoas e todos os seus bens asim moveis como de rais avidos e por aver e tersos de suas almas e ellas relegiosas os bens e rendas deste convento que a molher delle Manoel Gomes dava outorgaçam a esta escriptura e que huns e outros avendo de serem demandadas por couza que toquar a esta escriptura o queriam ser no juizo ordinario desta villa de Guimaraes perante o juis de fora ou do ordenario della para o coal juizo se desaforavam elle juiz e testemunhas de seus foros e renunciavam todos os seus privilegios liverdades e que façam seus favor e o que se possam chamar e que de presente tenham e ao diante poçam ter e alcançar posto que seyam prevelegios emcorporados em direito e tempo de fereas geraes e especiais e dias de doente e enojados os des dias de ley consedidos as escripturas publicas por que de nada husar manter em tudo estavam por este jnstromento como nelle se conthem e declara e asima disseram que senam outro queriam e aseitaram e nesta nota mandara me ser feito o presente jnstromento e asim o deseram quesperam outorguaram e aseitaram nesta nota mandaram ser feito o presente jnstromento e delle pediram hum e muitos deste theor que prometeram comprir sendo a tudo testemunhas presentes o Muito Reverendo Conego Gonçallo Antonio de Sousa Lobo da cidade de Braga e Francisco Duarte de Meirelles desta // (fl.18v) desta villa que todos os que asinaram despoes deste jnstromento lido e eu Manoel Pereira da Silva publico tabaliam que o escrevy.

(Assinado:) Donna JGNES MARIA DE SANTA ROSA abbaçada

(Assinado:) Donna JOSEPHA DE JESUS MARIA vigaria da caza

(Assinado:) Donna BARBARA THEREZA DE JEZUS

(Assinado:) Soror MARIANNA DA GRASA

(Assinado:) Soror ESCOLLASTICA DE SÃO BERNARDO mestra da Ordem

(Assinado:) Soror BRITES JOZEPHA DE SANTA BARBARA

(Assinado:) Donna MICHAELLA ANTONIA DA GLORIA escrivaa do convento

(Assinado:) MANOEL GOMES DE ANDRADE

(Assinado:) AMBROZIO COELHO

(Assinado:) GONÇALLO ANTONIO DE SOUSA LOBO

(Assinado:) FRANCISCO DUARTE DE MEIRELLES”

ambos estarem presentes por elles ambos juntos e quada hum de per sy insolidum foi dito que elles mestres de sua libre vontade e sem constrangimento de pesoa alguma que o move se nem obrigase fiavam aos ditos Antonio Luis e Luis Lopes em tudo quoanto faltarem // (fl.117v) faltarem ao declarado neste instrumento e a penna a que tudo elles obrigado se tem e que como seus fiadores e principais tudo por elles satisfazeram como que fosse os mesmos principais obrigados ao que deseram ambos juntos he quada hum de per sy insolidum obrigavam suas pessoas e todos seus bens asyem moveis como de rais avidos e por aver e terços de suas almas desendo mais elles(...) ⁶¹ e obrigados elles seus fiadores e principais fiadores todos juntos e quada hum in solidum que sendo caso que seya necessario obrgallos para o comprimento e satisfaçam do declarado neste jnstrumento davam poder a este convento para que possam por elles chamados e por coal ou por coalquer delles fiadores e principais pagadores e por aquelles que quiser e mais bem parado de bens estiver largando a hum e pegando pellos outros athe que de huns em outros de tudo seya este convento satisfeito da dita obra e dobro e pella dita comunedade foi dito que tambem se obrigavam athe nam faltar com os pagamentos na forma atras declarada e que avendo de serem demandados por cousa que toquar este jnstrumento o que sece ser perante o dito juiz de fora ou do ordinario della que no tal tempo for pera o coal juizo se desaforavam de juiz e justicas do juiz fora he renunciavam todas as leis prevelegios e liverdades que façam a seu favor he a que se possam chamar que de presente tenham e ao diante possam ter e alcançar pode seyao prevelegios ou incorporados em direito e tempo de fereas geraes e especiais e dias de doente enojados e os dez dias da ley consedidos as escripturas publicas por que de nada husar manter em tudo esta estavam por este // (fl.118) como nelle se comthem e declara asim o diseram quiseram outrogaram e aseitaram e nesta nota mandaram ser feito o presente instrumento e delle pediram hum e muitos deste theor que prometeram comprir sendo a tudo testemunhas presentes o Reverendo Padre Manoel Vas cappellam deste convento e Jeronimo Ferreira Guimaraes morador na rua Nova do Muro desta villa que todos aqui asinaram despoes deste jnstrumento lido eu Manoel Pereira da Silva publico tabaliam que o escrevy.

(Assinado:) Donna JOSEPHA DE JESUS MARIA abbadesa
 (Assinado:) Donna JGNES MARIA DE SANTA ROSA vigaria da caza
 (Assinado:) Soror CATARINA DA TRINDADE
 (Assinado:) Soror MICHAELLA DOS SERAFINS
 (Assinado:) Soror BRITES JOSEPHA DE SANTA BARBARA
 (Assinado:) Soror THEREZA DA ASSUNÇÃO mestra da Ordem
 (Assinado:) Soror MARIA DE NAZARETH
 (Assinado:) Soror GERTRUDES THEREZA escritvã do convento
 (Assinado:) ANTONIO LUIS
 (Assinado:) LUIS LOPES PIMENTA
 (Assinado:) MANOEL PEREIRA PIMENTA
 (Assinado:) BERNARDO GOMES
 (Assinado:) JERONIMO FERREIRA ”

The image shows a collection of handwritten signatures in dark ink on aged, slightly stained paper. The signatures are arranged in a vertical column, corresponding to the list of names provided in the text above. The handwriting is cursive and somewhat difficult to read, consistent with the note that some words are hard to decipher. The names visible include 'Donna Josepha de Jesus Maria', 'Donna Jgnés Maria de Santa Rosa', 'Soror Catarina da Trindade', 'Soror Michaella dos Serafins', 'Soror Brites Josepha de Santa Barbara', 'Soror Thereza da Assunção', 'Soror Maria de Nazareth', 'Soror Gertrudes Thereza', 'Antonio Luis', 'Luis Lopes Pimenta', 'Manoel Pereira Pimenta', 'Bernardo Gomes', and 'Jerónimo Ferreira'.

Fig. 9 – Assinaturas das partes intervenientes no contrato (A.M.A.P, N-733, fls. 116v-118)

⁶¹ Palavra de difícil leitura.